



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA – IEMCI

IANA MACHADO LOBATO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA.**

Belém – PA

2017

IANA MACHADO LOBATO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Licenciatura Integrada em Educação Ciências, Matemática e Linguagens.

Área de habilitação: Educação

Orientadora: Prof.^a Ma Valdete Leal
Oliveira

Belém – PA

2017

IANA MACHADO LOBATO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO
DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA.**

.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Nelson Pinheiro Coelho de Souza –
Escola de Aplicação - UFPA

Prof.^a dra Elizabeth Souza Gomes - UFPA

Prof.^a Ma Valdete Leal - UFPA, (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Todas as forças que tive não vieram somente de mim, mas de uma ser muito maior que se chama Jesus, por isso o agradeço e nem mesmo muitas palavras chegariam ao que ele realmente é, tudo é por ele e para ele.

Minha Orientadora Valdete Leal que confiou em mim e conseguiu me ajudar, mesmo com seu tempo corrido, suas capacidades foram além do profissional, me fez sentir acolhida.

Minha família tem um espaço grande nisso tudo, pois Deus os colocou para me sustentar e para serem elevados comigo, pois são partes de mim e tios e tias, primos, irmãos vocês nunca foram uma família comum, sempre fomos muito mais unidos e quero levar isso para minha nova família.

A minha mãe Maria de Jesus Lobato você talvez se negou diversas vezes por mim e dedico a você a qualidade de formada, muito obrigada por tudo.

Minha avó Graciolina Machado por muitas vezes ser a melhor amiga que pude ter e por me ensinar a orar nas horas que tudo estava difícil, valeu a pena.

Meu esposo Yan Oliveira por ter paciência e ser um exemplo de homem pra mim, poucas vezes vi pessoa de bom coração e que também merece ser lembrado, obrigada por tudo e principalmente por acreditar em mim, mesmo quando eu mesmo não acreditei.

Minha melhor amiga Kelly Almeida que por vezes me ajudou, podíamos contar uma com a outra.

Minhas companhias nas tardes da Universidade que por vezes foi difícil, por conta das viagens, porém me tiravam da tristeza, do cansaço e me fizeram sorrir e confiar são elas; Elaidy Betina, Kelly Nazaré e Sabrina. Obrigada meninas desejo a todas um futuro brilhante e com pessoas boas.

A todos os professores do Instituto de educação, Matemática e científica.

Uma folha é bonita quando a clorofila atua e a deixa verde, porém mais bonito é vê-la amarelada se tornando dona de suas próprias decisões. Iana Lobato

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA

Iana Machado Lobato¹

¹ Graduanda de Licenciatura Integrada. Universidade Federal do Pará. Email: ianalobato15@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a História da Matemática para vinte e quatro alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma Escola Pública Estadual, localizada no bairro do Guamá no município de Belém. Os instrumentos utilizados foram: uma entrevista semiestruturada, uma história criada para atender os fins deste estudo, diário de campo e por último uma estória em quadrinhos semiestruturada embasada na história da matemática sobre relações de trocas comerciais(Roney,2012). Os conhecimentos prévios dos alunos foram obtidos através de uma entrevista feita numa roda de conversa, na qual foi feito um diário de bordo com anotações. Em seguida a história da matemática foi contada em forma de encenação com 3 personagens e por fim foi dado a eles uma folha com o gênero quadrinho semiestruturado a fim de avaliar o que eles haviam aprendido. O resultado foi avaliado ao longo da participação dos alunos e a partir do que eles preencheram nos quadrinhos.

Palavras-chave: Contação de história. História da Matemática. Séries iniciais.

ABSTRACT

The present work had the objective of introduce the History of Mathematics to twenty-four students of the 3rd grade of elementary school at a State Public School, in the Guamá neighborhood in Belém city. The instruments used were: a semi-structured interview, a created story to meet the aims of this study, field diary and finally a semi-structured comic book story based on the history of mathematics on trade relations (Roney, 2012). The students' previous knowledge was obtained through an interview made in a conversation, in which a logbook with notes was made. Then the story of mathematics was told in the form of staging with 3 characters and finally was given to them a sheet with the semi-structured comic genre in order to evaluate what they had learned. The result was evaluated throughout the students' participation and from what they filled in the comics.

Keywords: Storytelling. History of Mathematics. Initial series.

SUMÁRIO

1.	JUSTIFICATIVA	8
2.	INTRODUÇÃO	9
3.	Objetivo geral	12
3.1	Objetivos específicos	12
4	Metodologia	13
4.1	Participantes	13
4.2	Local	13
5	Instrumentos	14
5.1	Entrevista semiestruturada	14
5.2	Diário de campo	14
5.3	História da matemática	14
5.4	História em quadrinhos semiestruturada	15
	Procedimentos	16
	RESULTADOS E DISCUSÕES	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERENCIAS	21
	ANEXOS	23

1 JUSTIFICATIVA

O trabalho teve o intuito de demonstrar como os alunos se comportavam ao ouvir a origem da matemática de uma forma mais lúdica e através da contação de histórias, a matemática sempre foi uma das disciplinas mais temidas por adultos e crianças o que motivou este estudo a encontrar um aspecto mais interessante de abordar/complementar a matemática das escolas.

A forma como a matemática é ensinada em sala de aula nos faz entender quais os motivos dos alunos ocultarem suas dúvidas, por diversas vezes ela é bastante corrida com fórmulas prontas, sem explicação para muitas curiosidades dos alunos acerca das regras que foram criadas, o universo matemático abriga diversas lacunas no ensino escolar o que gera um desinteresse e se torna algo pesado e sem finalidade, porém ao conhecer a origem matemática as crianças se tornam críticas em relação ao conteúdo, por isso o tema nos faz refletir sobre as impressões que a matemática causa nos alunos e como ela deve ser modificada para uma aprendizagem significativa.

A contação de história é um recurso didático que foi utilizado na pesquisa afim de tornar a origem matemática mais envolvente e facilitar o entendimento dos alunos, como se trata de anos iniciais, contar histórias é um ato que encanta as crianças e os faz imaginar além daquilo que ouvem/veem. O ato de contar histórias além de ser prazeroso, desenvolve a capacidade oral e escrita, forma um leitor.

A história da matemática sendo utilizada com a contação de história visa trazer aos alunos a realidade da matemática, seu surgimento para se tornar interessante aos alunos e os fazerem compreender que a matemática é mais do que eles puderam ver nas complicadas fórmulas, sem sua descoberta não avançaríamos em muitos aspectos da sociedade como; nas trocas e vendas que não eram sempre justas e com a matemática tudo pode ser milimetricamente medido, comparado e dado seu devido valor.

2 INTRODUÇÃO

A matemática sempre foi notada pela maioria das pessoas como algo quase impossível de ser compreendido, antigamente os números não existiam como hoje e era necessário quantificar coisas com pedras, mas não era uma contagem e sim uma comparação. Poucos conhecem sua história, onde começou, o que torna o aluno mais confiante em relação a Disciplina. “A matemática começou a existir a 4.000 mil anos atrás e veio do Egito, das planícies entre Rio Tigres e Eufrates (Mesopotâmia, Iraque). (Rooney, 2012. p.11)”

Ao verificar o quanto a matemática é rica em conhecimento não somente de cálculos é possível iniciar uma abordagem de contação de histórias usando a origem matemática, é relevante destacar sua história, como surgiu, com o objetivo de tornar os alunos conscientes desse conhecimento importante para a sua formação, como cidadão participante da sociedade, pois a história do surgimento matemático foi bastante omitida nas escolas e isso faz dos alunos meros receptores de um conhecimento por vezes incompleto. A matemática foi um dos primeiros acontecimentos da humanidade e está totalmente ligada com surgimento de costumes da cultura. (Boyer, 1992)

Utilizar a contação de história para relatar o surgimento da matemática traz aos alunos uma oportunidade de novas descobertas, pois contar histórias além de ser prazeroso, desenvolve a linguagem oral e escrita, forma um leitor.

Neste sentido Souza e Bernardino dizem:

A escuta de história estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. (Souza; Bernardino, 2011. p.237)

São diversas as formas de desenvolvimento que o aluno adquire ao ouvir histórias, por se tratar de uma atividade lúdica faz o aluno descobrir sua forma de aprender, mostra que a sala de aula também pode ser divertida e ao mesmo tempo ensina, aliar a história da matemática a esse recurso didático, traz ao aluno uma nova visão da disciplina matemática, mostra outra forma de aprender matemática. O lúdico deve estar na escola, pois a criança passa a conhecer o seus limites e se expresse melhor. Rocha diz:

...a ludicidade dentro de um processo educativo é ir em busca de construções de bases, para através de práticas e vivências, possibilitar que este indivíduo modifique seu foco de atenção e consiga enxergar além da realidade e desenvolver plenamente suas potencialidades. (Rocha, 2014. P14)

Não basta ao aluno saber somente resolver problemas que são direcionados a ele sem uma explicação mais profunda, mas compreende-los e dialogar sobre eles, para uma compreensão mais completa e trazendo a história da matemática ainda que de uma forma simples, faz o aluno analisar melhor o problema que será resolvido. Assim como Angelo(2014) diz:

Nesse sentido, é precípuo que os estudantes estejam inseridos em um ambiente que possibilitem o aprendizado de estratégias de resolução de problemas que enfatizem o levantamento de questões, o planejamento e a proposição de formas de resolução e a argumentação e comunicação de suas ideias. (Angelo, 2014, p.54,55)

Visto que por meio da história temos experiências vividas que são transmitidas como conhecimento e contribuem na construção do conhecimento pelo sujeito. Na matemática, não foi diferente. A história da Matemática data desde os primórdios a partir da necessidade do homem de resolver seus problemas do cotidiano e posteriormente, desempenhando um papel de desenvolvimento significativo na sociedade.

Através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) podemos perceber que a relação do ensino da matemática pode ser tratada de forma contextualizada. Os PCNS ao falar das series iniciais traz consigo, informações que o docente deve atribuir e são encontradas nos conteúdos de matemática dos primeiros ciclos no qual se concentra a turma de 1º ano ao 3º ano. Assim os PCNS trazem a relação da língua materna com linguagem matemática, construindo seu significado do número natural através de seus diferentes usos, interpretando e produzindo a escrita numérica, envolvendo as operações com números naturais.

Entende-se que a matemática é uma construção humana advinda da necessidade de contagem pelos povos primitivos o que contribuiu significativamente em diversos campos de saberes para a nossa sociedade como nos mostram os PCNS (2017, pág. 42) "A História da Matemática mostra que ela foi construída como resposta a perguntas provenientes de diferentes níveis e contextos (...)", e hoje nas escolas a matemática se

faz necessária ao desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos de todos os contextos sociais.

Ao se propor ensinar a história da matemática, visamos o enriquecimento de informações aos alunos sobre seu surgimento. Sabe-se que em muitos casos ao se ensinar a matemática nas escolas, pelo fato de esta ser considerada uma “matéria difícil” os alunos sentem menos prazer em aprendê-la. Assim, ao utilizar o ato de contar a história da matemática como uma história verídica do cotidiano e o porquê do surgimento, espera-se que os alunos tenham outro olhar pela matemática.

3 OBJETIVO GERAL:

Apresentar a matemática a partir da contação de história para crianças das séries iniciais do ensino fundamental.

3.1 Objetivos Específicos:

- Desenvolver por meio da contação de história uma sensibilidade no aluno sobre a história do surgimento da Matemática.
- Ensinar matemática e sua origem, para uma compreensão mais abrangente da disciplina matemática.
- Usar o lúdico no desenvolvimento da criatividade dos alunos.

4 METODOLOGIA

Esse tipo de pesquisa se preocupa com o participante, como ele se comporta em relação aos instrumentos utilizados e tem o cuidado de descrever passo a passo os acontecimentos.

A pesquisa qualitativa tem caráter descritivo, não se importa em medir algo, um dos maiores objetivos é se envolver na situação estudada e compreender o individual dos sujeitos. (GODOY, 1995)

4.1 Participantes

Esta pesquisa foi desenvolvida com vinte e quatro alunos do terceiro ano do ensino fundamental, com idade variando entre nove e onze anos, sendo onze do sexo masculino e treze do sexo feminino. A sala e ano foram escolhidos de acordo com a disponibilidade da professora e da escola.

4.2 Local

Optamos como lócus da pesquisa uma Escola Pública Estadual, localizada no bairro Guamá no município de Belém, um bairro de periferia. A escola atende ao Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), tem parceria com UFPa como campo de estágio para os discentes, sempre atendeu a essa demanda de ensino, conta com 36 funcionários, 1 quadra de esportes descoberta, 1 cozinha, 13 salas de aula, alimentação escolar para os alunos, 1 Sala de leitura, 1 Banheiro dentro do prédio, 1 Banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, 1 Sala de secretaria, 1 Refeitório, 1 Dispensa, Computadores administrativos, 1 TV, 1 Copiadora, 1 Equipamento de som, 1 Impressora, DVD, 1 Antena parabólica, 1 Projetor multimídia (datashow), 1 Câmera fotográfica/filmadora Sala de leitura.

5. INSTRUMENTOS

5.1 Entrevista Semiestruturada

A entrevista foi usada para verificar os conhecimentos dos alunos acerca da história da matemática e para a reflexão, foi elaborado um roteiro para nortear o foco da pesquisa.

...a entrevista seria uma forma de buscar informações, face a face, com um entrevistado. Pode ser entendida como uma conversa orientada para um objetivo, sendo esse objetivo estabelecido pelo pesquisador. Dentre as várias formas de entrevista, nos remetemos a entrevista semiestruturada, que traz como uma das suas características a elaboração previa de um roteiro.(MANZINI,2003, p15)

Foram usadas 5 perguntas (anexo1) as duas primeiras questionavam e faziam refletir sobre a matemática do passado e sua origem, as três últimas faziam refletir sobre o que é matemática e onde usamos hoje. A entrevista tinha um caráter de sondagem e ao mesmo tempo de reflexão, por isso foi usada no início da aula.

5.2 Diário de campo

O diário de campo foi utilizado para descrever os acontecimentos com precisão, para que nada passasse despercebido na hora da escrita dos dados. É no diário de campo que a descrição acontece, os eventos são observados, pode-se notar a posição dos entrevistados e depois podem ser analisados, o diário mostra também a posição do observador. (Weber,2009)

É de grande importância o diário de campo para o pesquisador, pois não o deixa perder as impressões iniciais, mas também o faz refletir sobre a escrita anterior.

5.3 História da Matemática

Utilizou-se como principal instrumento uma história (anexo2) criada baseada na história da matemática (Roney, 2012), na encenação a matemática é um personagem que entra na cena contando sua história, onde e quando surgiu, depois acontece uma situação de dois personagens o fazendeiro que saiu para a cidade em busca de leite e o leiteiro que faz a troca com o fazendeiro, na situação o fazendeiro precisa de leite e o leiteiro de carne, porém o leiteiro tem apenas duas garrafa de leite e o fazendeiro dispõe

de muitos pedaços de carne, mas eles acabem trocando pela necessidade e por ainda não existir o dinheiro. No momento da troca os alunos devem se impor a troca, pois a reflexão do aluno se torna muito mais importante neste momento.

...através da contação de histórias, o professor deve sempre instigar o aluno à reflexão, problematizar situações que façam a criança pensar, fazer descobertas e construir sua aprendizagem. (SANTOS,2011, p28)

5.4 História em quadrinhos semiestruturada

Para obter melhores resultados da pesquisa foi usado uma história em quadrinhos(anexo3) semiestruturada, que consistia em dois personagens que de acordo com a imagem estavam conversando, mas os balões estavam vazios e era possível preencher os balões, os alunos foram orientados para preencherem com o que haviam aprendido durante o dia.

A história em quadrinhos foi uma forma mais divertida de abordar o final da pesquisa e por se tratar de um gênero que envolve imagens, pode ser selecionadas quadros com situações que envolvam o tema da pesquisa. Para entendermos melhor, é possível definir histórias em quadrinhos como enredos narrados quadro a quadro, por meio de desenhos e textos, que utilizam o discurso direto, característico da língua falada em um gênero textual bem aceito entre os estudantes.(Tanino,2011,p16)

6 PROCEDIMENTOS:

Visitei a escola um dia antes para entregar o ofício e verificar se seria possível a aplicação da atividade, no outro dia fui recebida pela professora de forma agradável e pela turma com muita curiosidade. Reuni a turma em círculo e usei as perguntas já selecionadas e os alunos foram sugerindo outras durante a entrevista, quando perguntados onde existia matemática e se poderia ser contada uma história dela, todos ficaram desconfiados, diziam que só existia nos livros que nunca ouviram falar da história dela, ao continuar a conversa sobre a matemática em nosso cotidiano, eles começaram a concordar e perceber que ela está em tudo em nossa volta. Na encenação havia a matemática que chegava contando sua história, um fazendeiro e um leiteiro que trocavam suas mercadorias, minha intenção era que eles percebessem que o fazendeiro tinha muito mais carne do que leite e a troca era injusta e eles iriam perceber o quanto a matemática de contas e números seria necessária, na hora da encenação eles podiam participar e dizer se trocavam ou não, mas perceberam que os dois necessitavam das trocas e nesse momento de encenação os alunos não tiravam os olhos da história, uma criança que a professora relatou ser uma das mais inquieta parou para observar e participar.

Ao término da história foram trazidas embalagens feitas de cartolina e outras de alimentos vazias para a “minifeira” foi dividida a turma em dois grupos, em que um observava e o outro trocava essas mercadorias em uma mesa improvisada, os alunos que observavam participavam e diziam que alguns saíam perdendo, reclamavam uns com os outros dizendo que era melhor ter trocado por outra coisa, alguns até insistiam para participar, porém era explicado que eles iriam participar também da outra parte. Trocamos os grupos e os que atuavam na troca, agora iria observar e os outros vender, utilizei as mesmas embalagens e dei R\$50,00 de mentira para cada um fazer compras, percebi que nessa ação os que observavam não interferiam muito, apenas gostavam mais.

As crianças saíram para o intervalo e quando retornaram foi difícil fazer eles se concentrarem, foi feita uma avaliação com quadrinhos onde os balões estavam vazios, pedi para os alunos preencherem contando uma história do que haviam aprendido durante a aula, foi explicado o que era o gênero quadrinho.

Muitos não conseguiram escrever e copiavam do colega, ficou um pouco prejudicado o trabalho por esse motivo, todavia foi possível analisar algumas atividades.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebemos que no início da atividade, quando começamos a fazer as perguntas da entrevista semiestruturada na roda de conversa, as crianças começaram a interagir de forma mais espontânea às perguntas feitas por nós, quando perguntamos se gostavam de ouvir histórias alguns disseram que sim e outros que não. A partir do momento em que começamos a inserir outros questionamentos a eles além dos questionamentos que tínhamos previamente, eles começaram a refletir e pensar sobre onde a matemática está presente no dia a dia.

Concordamos com RODRIGUES (2004) quando diz que “A matemática da escola denota uma ideia de “ciência isolada”, onde os números, os cálculos, as medidas e muitos outros elementos não parecem ter ligação com o mundo ao redor.” E podemos visualizar isso na fala do aluno quando perguntado onde ele via matemática “*no livro (didático) tia*”, percebemos que a matemática para alguns alunos só se encontra na sala de aula e não estabelece uma relação com a matemática que usamos no cotidiano, o que para outros já é evidente essa relação como vemos na fala de outro aluno “*usamos a matemática pra fazer compras*”.

Ao iniciarmos a história, os alunos ficaram bastante curiosos com a ação dos personagens (a matemática, o fazendeiro e o Leiteiro). Conseguimos “prender” a atenção dos alunos na história, pois a tentativa era que eles pudessem interagir com os personagens que a todo o momento lhes faziam perguntas sobre as suas ações. Na encenação o fazendeiro pretendia trocar seus oito pedaços de carne por leite, entretanto, o fazendeiro tinha apenas duas garrafas disponíveis, mas pela necessidade o fazendeiro efetuou a troca justificando que sua família precisava de leite urgentemente. Neste momento ficava evidente que a troca não era justa, pois a quantidade de carne era muito maior que a quantidade de leite, porém era necessário fazer essa troca para se conseguir alimentos ou outros tipos de mercadoria. Utilizamos a contação da história com o intuito de levar o aluno à idéia de como essas relações eram feitas e para isso, também fizemos o uso da encenação sabendo que para a criança é muito importante essa experiência visual e ao utilizar a contação de história toda a atividade seguida fez muito sentido pra eles, pois escolheram em qual grupo queriam estar e a maioria entendeu que usando o dinheiro falso era como usar números e isso mostrou que as relações de troca não eram vantajosas e eles entenderam que os números são importantes, por isso queriam ficar no grupo que usava dinheiro. Sabemos que o ato de contar histórias possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança e contribui ludicamente para sua

formação como sujeito criativo. Usando essa estratégia na matemática, o aluno passa a visualizar a matemática além dos símbolos numéricos, como algo mais real e próximo de si.

Sobre isso, ANDRADE e GRANDO afirmam:

Acreditamos que ser contador de histórias é possibilitar ao ouvinte imaginar situações não vivenciadas, lembrar momentos vividos, a possibilidade de levar o conhecimento da história vivida e, também, da história da humanidade. Nas aulas de matemática representam um outro olhar para o aprender Matemática com ludicidade, envolvimento, imaginação e criatividade. Ou ainda, possibilitar o conhecimento da matemática científica e dos seus processos de produção, que se encontram tão distantes das práticas escolares. (2009. p.2)

Continuando as atividades dividindo a turma em dois grupos, um grupo simulou uma feira de troca de mercadorias, neste grupo, dividimos entre as crianças as figuras de produtos para poderem trocar entre si, sempre perguntando se a troca era justa, pois alguns itens eram “mais caros” ou aparentavam ter mais valor que outros mas eles tinham que trocar, reforçamos aos alunos que eles não pensassem em dinheiro apenas na mercadoria, o ponto principal era que eles pensassem como o fazendeiro, na necessidade de se obter o que deseja. O outro grupo simulou a compra e venda no supermercado onde usaram embalagens e outras figuras de produtos que compramos. A partir de uma subdivisão no grupo, uns alunos vendiam e os outros compravam, disponibilizamos aos alunos que iriam comprar os produtos cinquenta reais dinheiro de mentira para eles comprarem os produtos que quisessem, os alunos que vendiam os produtos tinham que calcular quanto custou a compra dos outros e dar o troco caso fosse preciso.

Percebemos que ao lidar com o dinheiro os alunos se empolgaram mais na atividade, tanto os que iam comprar quanto os que vendiam os produtos. No caso dos que vendiam, percebemos também que eles se esforçavam para fazer as contas e passar o troco certo para o colega. É importante que o aluno saiba lidar com o dinheiro desde as séries iniciais, pois ele está em contato frequente no seu cotidiano. Segundo SOUZA (2012. p, 29) “Visto que, quem não possui o mínimo de conhecimento sobre uma correta administração desse instrumento, passará por diversas dificuldades em sua vida”, o que nos faz observar as conexões necessárias da matemática financeira no dia a dia para uma melhor aprendizagem do aluno.

Após a contação da história e a simulação de uma feira de troca e compra, os alunos puderam visualizar em parte como essas relações eram feitas antigamente sem a matemática e como são feitas nos dias atuais.

Como etapa final, usando a criação das histórias em quadrinhos, propusemos aos alunos um momento para refletirem sobre o que aprenderam lhes foi passado em sala, dando-lhes a oportunidade de se expressarem através de suas histórias. Buscou-se evidenciar a compreensão do aluno sobre o tema, analisando suas falas nos balões numa roda de socialização. Percebemos que criar suas próprias histórias foi um momento enriquecedor, pois trazem fragmentos de compreensão sobre o tema abordado. Dentre as vinte e quatro crianças, apenas sete alunos conseguiram produzir o que lhes foi solicitado, as outras dezessete crianças escreveram apenas o início sobre matemática e no resto da história escreveram outros assuntos, alguns apenas iniciaram e não concluíram a história. Percebemos também a dificuldade de leitura e escrita dos alunos, visto que muitos ainda se encontravam em *nível alfabético*, o que dificultou em obter mais clareza nas suas criações e dispersão de alguns alunos que declaravam “não saber escreverem” o que segundo Emília Ferreira é visto como uma construção individual e que excede os limites escolares. Nesse nível de escrita as crianças já possuem condições de escrever as palavras sabendo que estas são compostas por letras, sílabas e têm significados, porém ainda há confusões ou esquecimentos de algumas letras e muitas vezes centram na sílaba esquecendo a palavra como um todo. É importante que o professor trabalhe nas dificuldades dos alunos e os ajude a superar essas etapas respeitando seu tempo de aprendizagem.

Para nossa surpresa, eles não realizaram a tarefa como havíamos planejado, pois pensamos em atender a todos de modo igual de aprendizagem, provavelmente por não conhecer a turma. Esta etapa foi mais difícil para chegar ao nosso ponto do trabalho, em obter o retorno escrito dos alunos com mais clareza.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos este trabalho construtivo tanto para nossa formação acadêmica quanto contribuinte para os alunos que participaram da nossa pesquisa. Sabendo que a escola é a grande potencializado de ensino, vemos a necessidade de explorar mais estratégias didáticas que proporcionem aos alunos momentos lúdicos na aprendizagem. A contação de histórias contribui em aspectos cognitivos, físicos, morais e sociais da criança, o ato de contar histórias também tem sido visto como contribuinte na educação infantil no sentido de gerar tanto futuros leitores quanto desenvolver o processo de leitura e escrita dos alunos.

Trazendo esse recurso didático para as aulas de matemática, podemos tirar um pouco a visão dos alunos sobre os conteúdos que para eles são considerados sólidos e inquestionáveis por se tratar de uma matéria mais exata. A riqueza desses momentos é visto quando o aluno interage de forma espontânea nas atividades e quando percebemos que estudá-la fica mais significativo na relação do professor com o aluno e a disciplina em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Educar para crescer. Emilia Ferreiro

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>

Acesso em 05/05/2016

MANZINI, Eduardo José. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: **ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

MOYSÉS, Lúcia. **Aplicações de Vygostsky à educação matemática**. Papirus, 2007. – (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Matemática. Ensino. Fundamental. Primeiro ciclo. Brasília: MEC/SEF, 1997.

RODRIGUES, Luciano Lima. **A MATEMÁTICA ENSINADA NA ESCOLA E A SUA RELAÇÃO COM O COTIDIANO**. 2004.

ROONEY, Anne. **A História da Matemática – Desde a criação das pirâmides até a exploração do infinito**. 2012 – São Paulo – M.Books do Brasil Editora Ltda.

SOUZA, Débora Patrícia De. **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL**. Monografia. JUNHO/2012.

MATEMÁTICOS E O ENSINO DE MATEMÁTICA: POSSÍVEIS RELAÇÕES-
ADRIANA APARECIDA DAMBROS-TESE DE DOUTORADO-CURITIBA/2006

portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/recursos-humanos/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas acesso em 20/03/2017

Acesso em: 11-04-2017

<http://programapibicjr2010.blogspot.com.br/2011/04/diferenca-entre-pesquisa-qualitativa-e.html>

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL -ROSANA MARIA DOS SANTOS-Trabalho de Conclusão de Curso de graduação-2011-Três Cachoeiras

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA OS PROCESSOS DE ENSINAR-SÔNIA TANINO- Trabalho de Conclusão de Curso-2011-LONDRINA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE ROTEIROS PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA-EDUARDO JOSÉ MANZINI-UNESP-CAMPUS DE MARILIA-2003

INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES- Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Arllida Schmidt Godoy- Mar./Abr. 1995

História da matemática para uso em sala de aula-Carl Benjamim Boyer-1906- tradução de HYGino H. Domingues-1992

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL-Linete Oliveira de Souza (Uninove-SP) Andreza Dalla Bernardino (Uninove-SP)- Vol. 6 nº 12 jul./dez. 2011-p. 235-249

O uso do lúdico nas séries iniciais: uma importante prática no processo-ensino aprendizagem-GUARABIRA-PB-Naiara Catiana Lima da Rocha-2014-Trabalho acadêmico como requisito para obtenção do título de graduada do curso de licenciatura em pedagogia.

A ENTREVISTA, A PESQUISA E O ÍNTIMO, OU: POR QUE CENSURAR SEU DIÁRIO DE CAMPO?- Florence Weber-Institut National de Recherches Agronomiques – França-Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009

ANEXOS

Anexo 1

Perguntas para a entrevista semiestruturada

- 1° *vocês sabem como surgiu a matemática?*
- 2° *Será que antigamente os homens usavam os números?*
- 3° *Quando é que a gente usa a matemática?*
- 4° *E o que é a matemática?*
- 5° *Porque será que a matemática é importante?*

Anexo 2

História contada em sala

Olá crianças eu sou a matemática, nasci no Egito e no Iraque a 4.000 anos. E sabem por que, muitos criadores de animais perdiam eles por não fazerem a contagem correta com os números, que são parte de mim e esses camponeses começaram a buscar outras formas de contagem, foi ai que chegaram em mim e hoje sou essencial para você acordar, pois estou até nas horas.

Antigamente eram feitas trocas de mercadorias

O fazendeiro tira o leite de cabra e vai ao centro da cidade trocar por alguns pedaços de carne, mas seu leite aparenta ser muito pouco para o pedaço de carne então:

Fazendeiro: ___Puxa! Preciso de leite! Mas parece tão pouco pela minha carne.

Vendedor de leite: ___ E eu tirei o leite de muitas cabras, é pouco só que de alta qualidade

Fazendeiro: ___ Pois bem, troco a carne.

O fazendeiro voltou pra casa e continuou achando que teve prejuízo na troca, mas não havia outra forma de conseguir leite para seus filhos.

Anexo 3

Folha para escrita dos diálogos dos alunos

